
PERFIL DO PRODUTOR RURAL E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL NA AGRICULTURA¹

**Mauro de Rezende Lopes
Geraldo da Silva e Souza
Daniela de Paula Rocha
Ignez Vidigal Lopes
Gregory Honczar**

I) Introdução

O objetivo desse trabalho é fornecer subsídios para um planejamento de opções estratégicas de capacitação dos trabalhadores e produtores rurais, a partir do conhecimento das principais características dos estabelecimentos agrícolas de um conjunto de 1.806 unidades agropecuárias amostradas em nove regiões selecionadas do agro brasileiro na pesquisa do Perfil da Agricultura².

A partir de uma definição da missão e de uma visão de futuro do SENAR é possível utilizar os dados dessa pesquisa para concentrar esforços e focar o treinamento dos pequenos produtores e trabalhadores rurais em grupos alternativos dos estabelecimentos, desde aqueles que apresentam, para o investimento em capacitação, o mais alto nível de retorno social – isto é, o primeiro grupo, onde se encontram os estabelecimen-

tos mais fragilizados da agricultura, em razão dos baixos níveis de geração de renda líquida de longo e de curto prazos – até o grupo de mais elevado retorno econômico – isto é, o quinto grupo, onde estão os estabelecimentos com os mais elevados padrões de desempenho de geração de renda líquida de longo e curto prazos. Os estabelecimentos que se encontram no quinto grupo necessitam de capacitação para sustentar a capacidade de competir, aumentando a capacidade de geração acelerada de receita, e os do primeiro grupo também necessitam treinamento para sobreviver e mudar para outros grupos de melhores desempenhos econômicos relativos. É claro que entre estes dois extremos há estabelecimentos, pertencentes a outros três grupos, que também necessitam de capacitação, mas os casos extremos ilustram critérios que podem ser desenhados de forma a auxiliar o processo de decisão de onde investir, conhecendo-se quem está onde e quem são estes estabelecimentos. Os estabelecimentos agrupados podem ser avaliados, em todas as suas características, de acordo com os indicadores de geração de renda (longo e curto prazo).

Com os dados e resultados da pesquisa, uma vez familiarizado com as tabelas que os apresentam, é possível alinhar a visão e o foco da atuação do SENAR, e colher contribuições com fatos e números, para avaliar sua atuação no meio rural. Se os recursos são escassos e as opções de treinamento são competitivas, em termos de disputa por estes escassos recursos, os indi-

¹ Este trabalho faz parte de uma pesquisa denominada Perfil da Agricultura Brasileira. Esta pesquisa foi financiada com recursos da FINEP, CNA, SENAR, Ministério da Agricultura e Abastecimento e IPEA. A EMBRAPA participou da pesquisa com técnicos e pesquisadores. As opiniões contidas neste trabalho são da exclusiva responsabilidade dos Autores e não refletem necessariamente os pontos de vista das instituições que apoiaram a pesquisa.

² Para uma análise mais detalhada das características dos procedimentos de amostragem e levantamentos feitos nesta pesquisa, bem como dos resultados preliminares da mesma, ver CNA/SENAR/FGV/EMBRAPA. Um Perfil do Agricultor Brasileiro. Coletânea de Estudos Gleba No. 9. Brasília. 1999; e Centro de Estudos Agrícolas. O Perfil da Agricultura Brasileira, suas Principais Tendências e Implicações para o Treinamento dos Pequenos Proprietários e Trabalhadores Rurais. Rio de Janeiro. 1999.

cadres de desempenho (rendas líquidas de longo e curto prazos) podem dar uma indicação de onde centrar o esforço do SENAR, para se lograr atingir os mais elevados níveis de retorno social (como mencionado no primeiro grupo) e mais um alto nível de retorno econômico (como no quinto grupo). Além disso, é possível – conhecendo o desejo e a necessidade sentida pelos responsáveis dos estabelecimentos, para a capacitação e o treinamento dos próprios dirigentes, e da sua força de trabalho –, concentrar esforços de forma a não diluir recursos e imagem (“marca registrada” do Serviço), inclusive aumentando a visibilidade do SENAR e aumentando o padrão de desempenho e retorno junto ao seu público-meta e a sua clientela. Os dados indicam quem necessita, em que faixa de renda, que tipo de treinamento. E quais as características destes estabelecimentos “representativos médios”.

Assim, os 1.806 estabelecimentos investigados foram divididos em cinco grupos, com cerca de 361 unidades produtivas agropecuárias em cada um. Os indicadores selecionados para a divisão dos grupos foram a Renda Líquida de Longo Prazo³ (RLLP) e a Renda Líquida de Curto Prazo (RLCP)⁴, cujas definições mais detalhadas encontram-se no anexo metodológico publicado nessa revista⁵. Os grupos foram separados em ordem crescente dos níveis destes indicadores (ou variáveis de corte, para os grupos nas tabelas).

Os dados são medidos em termos de reais de 1998 e representam valores médios de cada informação (ou variável) dos estabelecimentos incluídos em cada grupo. Na última coluna da direita – presente em todas os Quadros – está a média dos 1806 estabelecimentos visitados pela pesquisa. Há dois tipos básicos de dados analisados. O primeiro refere-se aos dados correspondentes a médias dos estabelecimentos, em termos de reais, número de anos de escolaridade, número de hectares da área dos estabelecimentos, número de dias trabalhados, valor médio em reais de gastos com insumos etc. O segundo tipo de dados representa proporções (percentuais) dos estabelecimentos em relação a características tais como percentual de estabelecimentos que informaram ter necessidade de treinamento dos produtores, proporção dos estabelecimentos com exploração predominante de cultivos e atividades agropecuárias de alto valor, além de outros. As tabelas indicam quais informações estão medidas em percentuais.

Para efeito de análise, as rendas dos estabelecimentos agrícolas foram convertidas para salários mínimos vigentes à época⁶ da pesquisa. A escolha desse referencial se deve ao fato de que o salário mínimo é um conceito relevante para comparar o rendimento da família com outras alternativas de emprego. No caso, estamos medindo o quanto as atividades do estabelecimento (com a RLLP e RLCP) contribuem, em termos

Quadro 1 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo, em salários mínimos.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
GERAÇÃO DE RENDA (R\$)						
Renda líquida do estabelecimento de longo prazo, em salários mínimos	-249,05	-65,92	-25,19	-1,70	-175,85	29,35
Número de estabelecimentos por grupo	361	361	361	361	362	1.806,00
Receita bruta da produção	48.709,73	17.643,10	9.923,83	13.811,80	178.800,18	52.883,10
Renda líquida do estabelecimento de longo prazo	-29.886,32	-8.710,55	-3.021,15	-214,46	51.101,73	3.487,55
Renda líquida do estabelecimento de curto prazo	7.389,53	1.150,15	2.655,82	5.332,02	32.908,88	22.523,15
Renda líquida do capitalista	29.067,40	5.764,35	3.436,25	3.023,59	1.990,65	8.351,32
Renda líquida da família	21.881,18	3.722,02	7.556,71	8.641,63	78.206,76	25.431,30
Outras Fontes de Rendas (R\$)						
Aposentadorias	1.501,81	1.089,37	1.160,37	911,74	879,75	1.085,08
Arrendamentos	3.650,80	292,01	33,17	74,91	795,18	969,12
Trabalho fora	4.030,10	1.561,18	168,27	1.071,18	2.647,03	2.052,11
Aluguéis	1.062,83	336,06	74,52	43,16	666,82	437,15
Doações	799,89	44,28	41,13	53,88	58,40	184,92
Locação de máquinas	1.069,31	183,16	246,53	23,04	569,31	422,97
Outras fontes de renda	1.715,12	562,14	882,07	511,16	1.877,59	1.111,30
Curtas -rendas Autênticas (- 22)	14.328,85	4.216,55	2.573,48	2.431,34	6.809,53	8.265,34
Proporção da renda auferida fora, (%)	24,03	25,94	32,17	13,51	6,37	21,10

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IUPERJ.

³ A RLLP mede a rentabilidade do estabelecimento. Ver anexo metodológico, publicado em LOPES, M.R; SILVA E SOUZA, G. da; ROCHA, D.P; LOPES, I.V; HONCZAR, G. Quem São e Como Decidem os Agricultores Líderes da Agropecuária Brasileira. *Revista de Política Agrícola*, n. 2, p. 21-30, abr./mai./jun. 2002. Os conceitos utilizados nesse trabalho são uma contribuição original de Eliseu Roberto de Andrade Alves. Os trabalhos desse autor que serviram de base a esse trabalhos estão citados na bibliografia.

⁴ A RLCP mede a resistência do empreendedor (e de sua família) no sentido de sobreviver às vicissitudes do curto prazo, só com a renda gerada no estabelecimento.

⁵ Ver referência na Nota de Rodapé 3.

⁶ 1 sm = R\$ 120,00

Quadro 2- Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo, em Salários Mínimos.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
GERAÇÃO DE RENDA (R\$)						
Renda líquida do estabelecimento de curto prazo, em salários mínimos	-36,87	6,24	30,75	87,17	864,87	187,73
Número de estabelecimentos por grupo	361	362	361	361	361	1.806
Receita bruta da produção	9.476,89	7.277,89	13.051,63	31.212,70	203.535,76	52.868,10
Renda líquida do estabelecimento de longo prazo	-13.730,91	-6.027,25	-5.326,95	-5.994,56	48.531,79	3.485,56
Renda líquida do estabelecimento de curto prazo	-4.784,01	744,85	3.694,89	10.460,78	102.584,59	22.528,16
Renda líquida do capitalista	7.570,59	4.693,99	5.954,22	9.445,86	14.042,10	8.333,32
Renda líquida da família	6.903,18	6.698,65	9.025,66	15.944,46	67.313,48	25.430,30
Outras Fontes de Rendas (R\$)						
Apresentações	1.446,97	1.162,73	778,25	1.141,67	911,58	1.068,06
Arrendamentos	1.914,78	57,71	212,84	393,27	2.349,52	965,12
Trabalho fora	2.690,98	1.798,67	1.195,35	1.881,64	3.028,99	2.050,11
Aluguéis	929,05	130,11	129,39	264,27	733,84	437,16
Doações	80,89	71,24	28,47	17,45	723,27	163,90
Locação de máquinas	385,29	50,45	188,76	350,97	1.189,41	422,97
Outras fontes de renda	2.070,12	575,44	303,12	705,22	1.904,09	1.111,30
Outras Rendas Auferidas (Total)	9.306,08	3.602,31	2.952,60	4.514,83	10.924,22	6.258,54
Proporção da renda auferida fora (%)	52,62	25,78	13,78	9,14	5,87	21,40

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

de geração de renda, para a família – daí por que um referencial importante é o salário mínimo.

Com base nos valores médios referentes às rendas líquidas, verificamos que os estabelecimentos com RLLP abaixo de um salário mínimo estão concentrados nos quatro primeiros grupos (Quadro 1) e com RLCP abaixo de um salário mínimo no primeiro grupo (Quadro 2). No primeiro caso, os estabelecimentos não estão contribuindo como atividade econômica para o sustento da família; pelo contrário, a família pode estar sustentando o estabelecimento. E o complexo estabelecimento/família está ameaçado no longo prazo (ver explicação dos conceitos no anexo metodológico refe-

dutores rurais, é conveniente estudar os fatores que influem no processo de geração de renda no estabelecimento, através de dois indicadores importantes que são a renda líquida de longo e curto prazos.

II.1) Fatores que Afetam a Geração da Renda Líquida de Longo Prazo

A renda líquida de longo prazo mede a rentabilidade do estabelecimento. A RLLP nada mais é do que o resíduo que remunera o trabalho do empreendedor. Portanto, é um indicador de sobrevivência dos estabelecimentos. Para o estabelecimento continuar funcionando no longo prazo, é necessário que a remuneração

Quadro 3- Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo, em salários mínimos.

Descrição						MÉDIA DA AMOSTRA
	Grupos de Estabelecimentos					
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
EXPLORAÇÃO PREDOMINANTE						
Proporção dos estabelecimentos (%)						
Comatividade de alto valor**	21,61	19,39	14,40	14,13	28,45	19,60
Comatividade de médio valor	40,72	32,68	30,75	30,47	31,48	33,22
Comatividade de baixo valor	37,67	47,92	54,85	55,40	40,06	47,18

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

rido na nota de rodapé 3). No segundo, a maioria dos estabelecimentos do primeiro grupo está ameaçando, no curto prazo, a sobrevivência desse complexo.

II) Fatores que Afetam a Geração de Renda Líquida de Longo e Curto Prazos

Antes de proceder à apresentação e discussão das necessidades de treinamento dos trabalhadores e pro-

ao empresário seja competitiva com o meio urbano. Esta remuneração pode ser medida em termos de salários mínimos – como unidade de medida referencial (ver anexo referido na Nota de Rodapé 3, para a metodologia de cálculo).

Sabemos que se a RLLP for positiva, ela deve corresponder, no mínimo, a uma remuneração igual ou superior ao custo de oportunidade do tempo do empre-

Quadro 4 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
CARACTERÍSTICAS SOCIO-ECONÔMICAS						
Número médio de pessoas da família	3,60	3,58	3,33	3,16	3,30	3,39
Idade média da família (anos)	41,67	41,28	41,91	38,94	38,44	40,45
Número médio de membros menores de 14 anos	0,35	0,33	0,34	0,47	0,35	0,37
Proporção de membros da família (%)						
Que trabalham	92,94	92,98	92,58	89,42	92,38	92,09
Com escolaridade entre 1 e 4 anos	36,01	50,22	47,60	49,22	36,42	43,09
Com escolaridade entre 4 e 8 anos	21,77	20,84	18,15	21,19	24,18	21,23
Com escolaridade acima de 8 anos	20,44	14,04	9,62	9,60	29,29	18,26
Não alfabetizados	4,34	7,58	16,94	9,87	2,83	8,27
Acesso à educação pública	63,79	62,88	67,31	63,93	58,58	61,90
Escolaridade média do responsável (anos)	5,89	4,06	3,24	3,93	5,93	4,54
Escolaridade média dos membros da família acima de 14 anos (anos)	7,03	4,88	3,83	4,43	6,88	5,43

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRAGV.

endedor para justificar a continuidade do responsável no negócio ou no estabelecimento. Se for nula, o empreendedor não recebe nada por seu trabalho como administrador.

Só o quinto grupo de RLLP apresenta resultados positivos, inclusive com uma margem de rentabilidade

líquida extremamente elevada de 32,3% (comparando-se a renda líquida de longo prazo com a receita bruta da produção, do Quadro 1).

Quais os fatores mais importantes que explicam o mais elevado nível de desempenho na RLLP (no quinto grupo)?

Quadro 5 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
	MÃO DE OBRA DOS ESTABELECIMENTOS					
Número médio de dias trabalhados						
Por homens (acima de 14 anos)	498,61	504,18	558,45	489,95	507,18	525,58
Por mulheres (acima de 14 anos)	124,80	146,68	144,63	135,67	106,08	133,39
Por menores (abaixo de 14 anos)	38,23	45,71	48,20	66,48	37,71	47,26
Por trabalhadores permanentes	721,00	200,44	118,67	120,93	1.271,93	486,58
Por trabalhadores temporários	175,62	103,88	61,55	80,54	423,18	171,69
Equivalentes homem adulto da família (total)	2,17	2,57	2,35	2,14	2,08	2,23

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRAGV.

Quadro 6 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
USO DE INSUMOS MODERNOS						
Proporção dos Estabelecimentos (%)						
Que usam fertilizantes	71,18	63,98	40,17	51,25	77,62	60,85
Que usam medicamentos	85,87	85,32	75,41	78,45	77,82	79,75
Valor médio dos gastos (R\$)						
Fertilizantes	5.188,82	1.504,48	894,02	814,22	20.180,32	5.720,37
Herbicidas	2.258,11	559,99	390,69	371,33	6.575,95	2.094,77
Inseticidas	987,20	150,54	73,52	102,03	2.038,05	652,64
Fungicidas	833,67	108,87	43,80	67,23	1.071,42	384,94
Medicamentos	1.326,77	382,48	170,29	246,47	1.234,93	672,50
Pecúrias	4.271,30	1.558,50	1.253,61	2.087,51	12.519,88	4.590,50
Valor médio dos gastos totais com insumos (R\$)	14.839,61	4.690,85	2.524,15	3.516,09	44.322,74	19.855,52

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRAGV.

Quadro 7 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
	FINANCIAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS					
Proporção dos Estabelecimentos (%)						
Com crédito bancário	36,23	25,50	15,73	17,17	49,77	29,13
Com crédito de custeio bancário	33,00	22,99	13,33	16,07	41,44	25,53
Com crédito de comercialização	2,49	0,55	0,55	0,23	5,25	1,83
Com crédito investimento	6,66	4,71	2,22	4,16	6,63	4,87
Com recursos de terceiros	2,77	1,39	0,83	1,94	4,14	2,21
Com recursos próprios	661,37	75,18	83,10	79,90	76,90	76,19
Com interesse em tomar empréstimo bancário	40,03	39,34	38,23	37,40	55,25	43,85

FONTE: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRIS/FGV.

Quadro 8 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
CARACTERÍSTICAS DOS ESTABELECIMENTOS						
Área média (ha)						
Do estabelecimento	280,98	86,10	51,35	58,58	274,66	155,32
Em culturas temporárias e permanentes	62,98	17,80	11,95	12,45	151,77	51,47
Em pastagens naturais e cultivadas	140,36	49,40	22,82	22,86	70,28	51,17
Valor médio (R\$)						
Terras	497.649,24	90.376,22	45.253,85	45.744,00	458.916,23	223.307,05
Benfeitorias	81.215,81	33.216,71	20.446,45	22.273,37	76.273,50	46.702,11
Máquinas e equipamentos	48.139,28	18.370,71	6.754,25	7.084,38	71.939,48	30.059,82
Animais	36.159,51	10.972,88	5.736,00	6.473,26	40.589,62	19.167,53
Amortização (R\$)						
Terras	20.026,07	3.615,32	1.811,69	1.826,13	17.476,73	8.116,91
Benfeitorias	3.772,72	2.743,91	1.917,81	1.861,38	3.156,07	2.690,85
Máquinas e equipamentos	11.315,47	3.843,57	1.603,30	1.460,56	12.739,14	6.156,19
Animais	2.169,90	858,37	344,16	360,40	2.435,31	1.199,85

FONTE: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRIS/FGV.

Ao longo dos grupos é possível notar quais são os fatores mais importantes que contribuem para um bom desempenho dos estabelecimentos. Estes principais fatores são:

1) Seleção de uma combinação de atividades de alto poder de geração de renda: no quinto grupo estão estabelecimentos que se dedicam à exploração da fruticultura, horticultura, avicultura, suinocultura, e monoculturas como café, cana, além da exploração de atividades de fabricação de produtos lácteos. Essas são as atividades predominantes no quinto grupo (Quadro 3);

2) Maior nível de escolaridade: no quinto grupo, 28,29% dos estabelecimentos têm como responsáveis indivíduos com cursos pós-segundo grau (Quadro 4);

3) Contratação de mão-de-obra: o quinto grupo se sobressai entre os demais grupos em termos de contratação de mão-de-obra permanente e temporária; empregam, em média, por estabelecimento, em termos de número de dias de trabalho contratado, muito mais do que os demais grupos (Quadro 5);

4) Gastos com insumos modernos: o quinto grupo tem um dispêndio médio, por estabelecimento, com insumos modernos mais elevado do que os demais grupos (Quadro 6);

5) Crédito bancário: principalmente no caso do crédito de custeio, os estabelecimentos do último grupo têm acesso ao crédito de forma mais facilitada do que os demais grupos (Quadro 7);

6) Elevado nível de imobilização de capital: a RLLP está associada a um elevado nível de imobilização de capital, muito embora se pudesse esperar, que quanto mais elevado o nível de mobilização de capital, tanto maior o custo da amortização do capital fixo e, por via de consequência, tanto menor o nível de rentabilidade. Mas, esses estabelecimentos são tão eficientes que apesar de uma elevada imobilização de capital eles conseguem ter altíssimos níveis de desempenho, em termos de renda bruta e renda líquida (Quadro 8).

7) Proporção da utilização das terras: no quinto grupo, cerca de 81% da área de estabelecimentos está

Quadro 9 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição						MÉDIA DA AMOSTRA
	Grupos de Estabelecimentos					
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
EXPLORAÇÃO PREDOMINANTE						
Proporção dos estabelecimentos (%)						
Com atividade de alto valor *	18,84	11,60	17,17	24,38	26,04	19,80
Com atividade de médio valor	37,12	42,82	30,80	28,53	23,82	33,22
Com atividade de baixo valor	44,04	45,58	49,03	47,09	50,14	47,16

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

Quadro 10 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
CARACTERÍSTICAS SOCIO-ECONÔMICAS						
Número médio de pessoas da família	3,27	3,05	3,40	3,70	3,54	3,38
Idade média da família (anos)	44,15	42,54	38,40	38,56	38,46	40,45
Número médio de membros menores de 14 anos	0,25	0,31	0,43	0,47	0,37	0,37
Proporção da membros da família (%)						
Que trabalham	94,88	92,88	90,01	90,45	91,80	92,00
Com escolaridade entre 1 e 4 anos	46,48	52,03	47,06	44,14	28,75	43,55
Com escolaridade entre 4 e 8 anos	14,17	18,70	24,76	23,01	25,48	21,23
Com escolaridade acima de 8 anos	18,66	11,47	13,03	18,24	34,87	18,26
Não alfabetizados	15,45	15,68	4,88	4,78	1,51	8,57
Acesso à educação pública	61,50	63,25	65,10	64,82	64,85	61,90
Educidade média do responsável (anos)	3,59	3,72	4,20	4,82	5,82	4,54
Educidade média dos membros da família acima de 14 anos (anos)	4,27	4,31	5,12	5,70	7,75	5,43

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

Quadro 11 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
MÃO DE OBRA DOS ESTABELECIMENTOS						
Número médio de dias trabalhados						
Por homens (acima de 14 anos)	572,99	479,42	529,70	536,01	509,83	525,58
Por mulheres (acima de 14 anos)	115,93	131,77	139,61	180,80	118,04	133,38
Por menores (abaixo de 14 anos)	31,99	41,44	61,58	55,98	37,49	47,28
Por trabalhadores permanentes	284,21	162,10	155,57	486,65	1.347,26	466,08
Por trabalhadores temporários	116,57	59,80	94,73	120,47	457,40	171,88
Equivalentes homem adulto da família (total)	5,34	5,68	5,58	5,35	5,14	5,25

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

utilizada em culturas temporárias e permanentes e pastagens naturais e cultivadas. No primeiro grupo, esse percentual é de 69%. No quinto grupo, 55% da área dos estabelecimentos se encontra sob cultivo intensivo em lavouras temporárias e permanentes, enquanto que nos estabelecimentos do primeiro grupo, em média, apenas 21% da área é utilizada de forma intensiva em culturas temporárias e permanentes (Quadro 8). Essas proporções fazem diferença na geração da RLLP.

Analisemos os casos de RLLP negativa, que predominam nos grupos selecionados.

Sabemos que a RLLP negativa ou nula indica que o estabelecimento ou o negócio não tem sustentabilidade/estabilidade no longo prazo. Nesse caso, não compensa ao responsável pelo estabelecimento continuar no negócio. Seus esforços como administrador não estão sendo compensados. Pior, seus fatores de produção e a mão-de-obra familiar não estão sendo remunerados de forma a que ele permaneça na atividade.

No caso da remuneração da família, não terá recursos no empreendimento para cobrir as despesas do lar. Nesse caso, terá que despoupar, vender patrimônio

Quadro 12 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
USO DE INSUMOS MODERNOS						
Proporção dos Estabelecimentos (%)						
Que usam fertilizantes	38,57	41,44	63,43	75,35	87,53	60,05
Que usam medicamentos	71,47	60,86	63,38	65,32	77,84	79,73
Valor médio dos gastos (R\$)						
Fertilizantes	910,09	407,21	859,40	2.525,39	23.914,51	5.720,97
Herbicidas	365,68	88,16	259,83	959,19	8.816,98	2.094,77
Inseticidas	235,55	49,52	99,95	377,69	2.511,75	652,91
Fungicidas	145,25	27,54	67,89	276,23	1.406,98	394,94
Medicamentos	510,34	249,30	327,64	702,66	1.573,75	672,50
Resíduos	2.429,87	1.041,80	1.510,85	3.968,20	13.210,23	4.430,30
Valor médio dos gastos totais com insumos (R\$)	4.210,68	1.808,15	3.193,58	8.941,81	51.718,23	19.655,52

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRE/FGV.

Quadro 13 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
FINANCIAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS						
Proporção dos Estabelecimentos (%)						
Com crédito bancário	14,98	10,50	24,10	38,57	58,58	29,13
Com crédito de custo bancário	12,47	11,33	20,22	34,63	48,03	25,53
Com crédito de comercialização	0,20	0,50	0,95	1,39	0,37	1,03
Com crédito investimento	4,16	2,21	4,18	5,25	8,55	4,07
Com recursos de terceiros	0,83	1,10	1,65	2,49	4,98	2,21
Com recursos próprios	75,45	76,80	79,50	73,68	74,52	75,19
Com interesse em tomar empréstimo bancário	39,08	30,94	49,72	50,97	57,82	43,05

FONTE: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRE/FGV.

da família ou usar outras fontes de renda da família para permanecer no campo – um fato comum na agricultura hoje. Uma alternativa é “remunerar” a família como “resíduo”, isto é, reduzir seu padrão de vida até onde seja possível.

A atividade deverá ser repensada. É preciso que dela resulte uma forma de remuneração competitiva. Se nem um salário mínimo for gerado como pagamento

pela atividade e uso de seu capital, o estabelecimento não sobreviverá. É só uma questão de tempo. A menos que ele decida permanecer no negócio até que todo o seu capital seja consumido ou que, através da imobilização de recursos de terceiros, alguém o financie. Pelo menos no longo prazo, até que o quadro geral do negócio possa mudar.

Assim, a RLLP negativa indica que as despesas

Quadro 14 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
CARACTERÍSTICAS DOS ESTABELECIMENTOS						
Área média (ha)						
Do estabelecimento	90,75	89,17	90,11	129,85	387,17	155,32
Em culturas temporárias e permanentes	18,69	9,24	13,18	24,15	195,20	51,47
Em pastagens naturais e cultivadas	53,69	33,75	42,51	51,45	124,96	61,17
Valor médio (R\$)						
Terras	94.194,64	50.840,75	95.484,72	177.374,02	669.081,14	223.367,05
Benfeitorias	36.482,27	29.353,08	29.671,07	43.937,66	100.121,12	46.702,11
Máquinas e equipamentos	11.312,42	6.658,59	8.543,46	23.969,17	101.678,36	30.080,82
Animais	11.171,50	7.045,63	8.550,46	17.254,71	55.554,56	19.567,55
Amortização (R\$)						
Terras	3.786,44	2.537,19	3.832,26	7.065,04	27.563,36	8.955,91
Benfeitorias	2.191,14	2.298,11	2.293,27	2.790,76	3.963,28	2.660,85
Máquinas e equipamentos	2.310,03	1.695,29	2.399,06	5.534,25	19.170,47	6.193,15
Animais	670,29	422,58	537,63	1.095,20	3.335,96	1.189,95

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura, Centro de Estudos Agrícolas, IBRE/FGV.

Quadro 15 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Longo Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
NECESSIDADE DE TREINAMENTO DOS PRODUTORES RURAIS						
Proporção dos estabelecimentos com necessidade de treinamento (%)						
Em mecanização agrícola	28,25	17,73	12,74	18,84	33,15	22,15
Em tecnologia de aplicação de defensivos	30,19	28,25	23,55	25,48	33,43	28,18
Em fertilização de solos	32,69	25,21	15,24	18,28	31,22	24,53
Em plantio direto	31,58	27,42	11,91	18,84	32,60	24,47
Em comercialização	21,88	18,01	8,31	11,91	34,25	18,88
Em administração rural	44,60	27,98	15,24	20,78	39,23	29,57
Em instituições de pesquisa	15,79	8,31	6,09	7,48	14,64	10,47
Em conservação dos solos	29,64	21,88	12,47	20,50	28,73	22,65

FONTE: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

não foram cobertas pela atividade do estabelecimento. Nesse caso, ou ele toma um empréstimo, ou usa sua poupança, ou vende patrimônio ou irá falir.

Esse empreendedor poderá, a longo prazo, ver-se forçado a abandonar a agricultura. O estabelecimento deverá fechar as portas ou sobreviver até consumir todo o fundo de capital e mineralizar a terra, a menos que corrija as ineficiências, investindo. Mas para isso é necessário que ele tenha acesso a crédito – maior fator limitativo à busca de uma escala técnica e econômica eficiente.

Ao assumir compromissos como capitalista, não terá como cumpri-los. Com o tempo poderá ser eliminado. Se o empresário e o capitalista forem a mesma pessoa, ele poderá alugar as terras ou vendê-las. A remuneração ao empresário necessita ser competitiva com as oportunidades urbanas (pelo menos um salário mínimo). Caso contrário ele optará por cerrar as portas do empreendimento.

Há, entretanto, várias outras possibilidades e hipóteses a serem investigadas em nível de detalhe, além das possibilidades de o empreendedor ter errado na tecnologia, na escala, no emprego da mão-de-obra etc., fruto de

decisões equivocadas. Há que se indagar acerca das questões de mercado. O empreendedor pode ter utilizado a tecnologia disponível, com o nível de capital ao qual tenha acesso, mas o capital não foi suficiente para a escala econômica recomendável. Pode estar havendo também um *duplo aperto*: nos custos dos insumos e nos preços dos produtos. Por conseguinte, é necessário prosseguir na análise dos dados e de novas pesquisas.

Assim, analisando os dados, tendo-se em mente estas observações, com exceção do quinto grupo, todos os demais grupos de estabelecimentos apresentam rendas líquidas de longo prazo negativas com índices mais altos de incidência no primeiro grupo de estabelecimentos – em que, em média, as unidades produtivas têm uma RLLP negativa em torno de 30.000 reais anuais (Quadro 1).

Quais são as características mais importantes do primeiro grupo de estabelecimentos, que se encontram fragilizados em termos de geração de renda, e se encontram com a sobrevivência ameaçada? Vale à pena comparar o primeiro com o segundo grupo, pois são estabelecimentos muito similares em termos relativos na geração de renda.

Quadro 16 - Características dos Estabelecimentos Rurais segundo os Grupos de Renda Líquida do Estabelecimento de Curto Prazo.

Descrição	Grupos de Estabelecimentos					MÉDIA DA AMOSTRA
	1º GRUPO	2º GRUPO	3º GRUPO	4º GRUPO	5º GRUPO	
NECESSIDADE DE TREINAMENTO DOS PRODUTORES RURAIS						
Proporção dos estabelecimentos com necessidade de treinamento (%)						
Em mecanização agrícola	12,47	11,33	19,11	29,09	38,78	22,15
Em tecnologia de aplicação de defensivos	18,01	20,72	27,42	36,84	37,95	28,18
Em fertilização de solos	16,90	17,13	25,48	27,15	36,01	24,53
Em plantio direto	10,80	11,88	23,82	34,90	41,00	24,47
Em comercialização	12,19	10,50	13,85	21,33	36,57	18,88
Em administração rural	18,56	16,30	27,15	37,95	47,92	29,57
Em instituições de pesquisa	6,37	4,70	9,97	10,80	20,50	10,47
Em conservação dos solos	14,13	19,06	21,88	26,04	32,13	22,65

Fonte: Pesquisa do Perfil da Agricultura. Centro de Estudos Agrícolas. IBRE/FGV.

Comparando-se o primeiro e o segundo grupo, verificamos que:

1) Não há diferenças sensíveis em termos de combinação de atividades, escolaridade, contratação de mão-de-obra (Quadros 3, 4 e 5);

2) O primeiro grupo, apesar do fato de que os estabelecimentos a ele pertencentes geram RLLP negativa maior (em termos absolutos) do que os estabelecimentos do segundo grupo, eles utilizam, em termos médios, (por estabelecimento), mais insumos modernos e têm maior acesso relativo ao crédito bancário (Quadros 6 e 7).

3) A diferença fundamental repousa no nível de imobilização de capital. No primeiro grupo, os estabelecimentos geram níveis de RLLP negativas mais elevados, porque imobilizam cerca de, em termos de valores médios, 5,51 vezes mais em terras, 2,45 vezes mais em benfeitorias, 3 vezes mais em máquinas e equipamentos, e 3,3 vezes mais em animais (Quadro 8).

Assim, este primeiro grupo se encontra fragilizado, no longo prazo, em virtude de pesada imobilização de capital em torno de 2 ou 5 vezes acima do segundo grupo que apresenta uma renda mínima de longo prazo relativamente bem menor. Esta é uma comparação importante (Quadro 8).

O resultado que emerge da comparação desses dois grupos, é clara: a imobilização de capital em terra, benfeitorias, máquinas e equipamentos, e animais, compromete em larga medida a estabilidade financeira nos estabelecimentos no longo prazo. Esses estabelecimentos serão levados a manter elevados níveis de capacidade ociosa, que compromete a sua sobrevivência. Como estes estabelecimentos agrícolas estão no topo da “inviabilidade” e não são financeiramente sustentáveis no longo prazo, a questão é como resolver este problema de excessiva imobilização de capital. As soluções possíveis são: ou obtêm crédito, para eliminar a capacidade ociosa, ou arrendam o seu capital a terceiros.

Quanto ao crédito, os estabelecimentos não divergem muito entre esses dois grupos (Quadro 7). A pergunta que cabe seria: estas fazendas deveriam arrendar terras, máquinas e equipamentos para reduzir o grau de imobilização de capital?

É curioso verificar que no primeiro grupo, comparativamente a todos os demais, estão os estabelecimentos que, em termos médios, a segunda fonte de renda mais importante (do estabelecimento), logo após à ren-

da do trabalho fora, é justamente o arrendamento de terra (Quadro 1). Além disso, esse grupo está também, em termos médios por estabelecimento, derivando renda da locação das suas máquinas.

Por conseguinte, as razões para o comprometimento da sobrevivência e a sustentabilidade financeira no longo prazo desses estabelecimentos deve ser buscado com instrumentos analíticos mais refinados do que os utilizados até aqui. Porquanto se eles deveriam arrendar suas terras e locação de máquina, eles já o fazem em níveis elevados em termos de médias por estabelecimentos, comparativamente aos demais estabelecimentos incluídos nos outros grupos.

Diga-se de passagem que esse primeiro grupo de estabelecimentos como que “sobrevive” de outras rendas auferidas fora da atividade de exploração agropecuária, inclusive com o arrendamento a terceiros de terra, máquinas, além dos elevados níveis de renda a partir da venda de trabalho fora.

É necessário refletir sobre esses resultados. É possível que uma hipótese a ser testada seja de que esses estabelecimentos, apesar de arrendarem suas terras e suas máquinas a terceiros, ainda imobilizam um montante muito elevado de capital.

Esses resultados preliminares servem ao propósito de levantar hipóteses a serem testadas com instrumentos analíticos mais refinados para estudar as reais razões do comprometimento da viabilidade financeira a longo prazo, desse grupo de estabelecimentos.

II.2) Fatores que Afetam a Geração da Renda Líquida de Curto Prazo

A RLCP é uma outra categoria de análise, com uma dimensão diferente. A ordem de considerações deve também ser muito diferente da análise feita para a RLLP. Primeiro, vamos prosseguir na análise dos fatores que explicam a RLCP, e, em seguida, faremos a análise da necessidade de treinamento e capacitação dos produtores e trabalhadores rurais.

A RLCP mede a resistência do empreendedor (e de sua família) no sentido de sobreviver às vicissitudes do curto prazo, só com a renda gerada pelo estabelecimento. Em outras palavras, é uma medida do quanto do sustento da família, no curto prazo, provém do estabelecimento (ver anexo referido na Nota de Rodapé 3, para detalhes da metodologia).

Se for positiva, o empreendedor e sua família sobrevivem no curto prazo com a renda do estabelecimento. Se for nula, a família depende do estabelecimento para sobreviver, tudo mais permanecendo constante.

Se for negativa, a renda líquida de curto prazo do estabelecimento não seria suficiente para a família viver no campo, se esta for a única fonte de sua renda. O empreendedor não teria como permanecer na atividade, a não ser em condições de vida extremamente precárias. Estes estabelecimentos – quando a RLCP é medida em salários mínimos – não conseguiram remunerar, por exemplo, em um salário mínimo a mão-de-obra familiar.

Assim, se a RLCP for negativa, a renda gerada no curto prazo não consegue sequer cobrir as despesas da família. O empreendedor ou toma um empréstimo para “tocar” o seu estabelecimento, gerando renda no curto prazo, ou usa outras rendas, ou poupanças, ou toma um empréstimo, ou vende patrimônio, ou vai passar severas privações (falar) no curto prazo. A família pode decidir abandonar o campo.

Os estabelecimentos ameaçados gravemente no curto prazo são os do primeiro grupo (Quadro 2), muito embora possa haver no segundo grupo estabelecimentos com renda líquida negativa, porquanto os valores consignados são médias das rendas líquidas de curto prazo de todos os estabelecimentos do grupo. Portanto, dos cinco grupos, apenas um tem renda líquida negativa de curto prazo (e muito elevada); os demais conseguiriam sobreviver no curto prazo.

Em termos de fatores que explicam o posicionamento dos estabelecimentos nos grupos, em nível ascendente de desempenho, em termos de geração de renda no curto prazo, podemos destacar:

1) Os estabelecimentos que apresentam os melhores desempenhos são os que têm a maior proporção da produção gerada com atividades de alto valor, no quarto e quinto grupos (Quadro 9);

2) Nível de escolaridade é um fator importantíssimo na geração de renda de curto prazo (Quadro 10).

3) Há indícios que a geração de RLCP está diretamente correlacionada com a contratação de mão-de-obra, em termos de número de dias trabalhados por trabalhadores diaristas e menselistas, pelo critério de médias dos estabelecimento (Quadro 11);

4) Em termos de valores médios, por estabelecimento, de gastos com insumos modernos, notamos que

a RLCP está fortemente associada com gastos com estes insumos, tais como fertilizantes e defensivos; um fator determinante para a geração de renda a curto prazo (Quadro 12);

5) Na geração de renda de curto prazo, o crédito bancário é o fator decisivo para o desempenho do estabelecimento. Quanto maior o acesso ao crédito bancário (inclusive de custeio), tanto maior a geração da RLCP – de resto, um fator importante a assinalar (Quadro 13).

Em termos de utilização da terra com cultivos, é importante registrar que enquanto o grupo de mais altos níveis de desempenho na geração de RLCP utiliza, em termos médios, 49% das terras disponíveis para os cultivos permanentes e temporários, esse percentual cai para 17% no primeiro grupo, que apresenta baixos níveis de desempenho na geração de renda no curto prazo (Quadro 14). O primeiro grupo de estabelecimentos tem um problema grave, porquanto a RLCP é negativa e elevada parcela dos estabelecimentos deste grupo só sobrevive devido a outras rendas - comparar a variável renda líquida de curto prazo com outras fontes de renda (Quadro 2).

III) Necessidade de Treinamento e Capacitação da Força de Trabalho e dos Responsáveis nos Estabelecimentos Rurais

III.1) Resultados a Partir da Renda Líquida de Longo Prazo

Passemos à análise do quadro de necessidade de treinamento dos produtores e trabalhadores rurais (Quadro 15) que nos interessa mais de perto.

Em termos de grupos de estabelecimentos, de acordo com a renda líquida dos estabelecimento de longo prazo, os resultados mais importantes da pesquisa são:

1) As maiores necessidades de treinamento são em administração rural. Em cerca de 30% dos estabelecimentos amostrados (média da amostra) os responsáveis declararam que têm necessidade de treinamento em administração rural (Quadro 15);

2) Em termos de outras necessidades de treinamento da mão-de-obra rural e dos próprios responsáveis pelos estabelecimentos, em ordem de importância, as necessidades de capacitação são em tecnologia de aplicação de defensivos, fertilização de solos e plantio direto;

3) No primeiro grupo de estabelecimentos, onde estão aqueles mais fragilizados e que geram uma renda

líquida em longo prazo, em média, negativa e mais alta (em valores absolutos), acentua-se a necessidade da capacitação em administração rural. Em cerca de 45% dos estabelecimentos amostrados no grupo 1, os responsáveis declararam que têm necessidade de capacitação em administração rural;

5) Mesmo entre os estabelecimentos que geram RLLP nos níveis mais altos encontrados dentro da amostra, em 39% dos estabelecimentos, em média, os responsáveis declararam que também necessitam de administração rural como treinamento mais importante;

6) No grupo de geração de RLLP mais elevada (o quinto grupo), em cerca de 28 a 34% dos estabelecimentos amostrados, menciona-se a necessidade de capacitação da mão-de-obra em mecanização agrícola, tecnologia de aplicação de defensivos, fertilização dos solos, plantio direto e conservação dos solos. Para um grupo de produtores, com elevados níveis de desempenho na agricultura, este resultado é importante – querem mais treinamento de forma permanente;

7) Se o foco dos esforços do SENAR for maximizar o retorno social do treinamento e capacitação dos produtores e trabalhadores rurais, é importante analisar os dois primeiros grupos de estabelecimentos, ou alternativamente, se a concentração dos esforços do SENAR for focada no sentido de obter os mais altos níveis de rendimento econômico, o grupo eleito seria o quinto.

8) Assim, é interessante ressaltar que tanto no primeiro grupo – onde estão aqueles estabelecimentos que mais necessitam de capacitação da força de trabalho para superarem a sua fragilidade e o processo de extinção em que se encontram –, quanto no quinto grupo – que apresenta os mais destacados níveis de desempenho econômico –, encontram-se justamente os estabelecimentos que informaram na pesquisa os índices mais elevados de necessidade de capacitação da mão-de-obra e mecanização, aplicação de defensivos, fertilização dos solos, plantio direto, comercialização e conservação dos solos, com percentuais, na maioria dos casos, superiores a 30%.

Concentrando-se esforços nesses dois grupos, é possível ter um resultado equilibrado em termos de benefícios sociais e econômicos dos investimentos do SENAR. Vale mencionar que nos grupos intermediários, segundo, terceiro e quarto, os percentuais de capacitação da força de trabalho nos estabelecimentos e dos dirigentes (administração rural) têm percentuais mais baixos do que nos dois grupos extremos, demonstrando um certo grau de polarização da necessidade de capacitação da força de trabalho na agricultura brasileira.

Finalmente, vale destacar que em apenas 10% dos

estabelecimentos amostrados, os responsáveis informaram que têm necessidade de treinamento em instituições de pesquisa (dia de campo).

III.2) Resultados a Partir da Renda Líquida de Curto Prazo

Em termos de RLCP, às necessidades de treinamento dos produtores e trabalhadores rurais (Quadro 16), os resultados mais importantes são:

1) Os mais elevados índices de concentração de necessidade de treinamento estão nos dois últimos grupos, que apresentam mais alto nível de desempenho, em termos de geração de RLCP; vale ressaltar, as necessidades maiores de capacitação estão associados aos mais elevados níveis de desempenho;

2) Por exemplo, no quarto e quinto grupos, entre 21 e 40% dos estabelecimentos amostrados, os responsáveis declaram que têm necessidade de se auto capacitar em administração rural, tanto quanto capacitarem a sua força de trabalho em mecanização agrícola, aplicação de defensivos, fertilização do solo, plantio direto, comercialização e conservação do solo;

3) Esses percentuais de necessidade de capacitação nos níveis exemplificados, nos quanto e quinto grupos, não aparecem nos grupo de desempenho relativamente mais modestos, em termos de geração de RLCP;

4) Se o foco principal é geração de resultados de RLCP, até que mudem as condições atuais da agricultura, de muita competitividade, em um curto espaço de tempo, os esforços devem estar, possivelmente, concentrados no quarto e no quinto grupos, de mais alto desempenho econômico. Esse resultado afigura-se importante, porquanto se os recursos são escassos há que enfatizar, no curto prazo, a capacitação para geração de resultados, recuperação de resultados e geração acelerada de receita;

5) Nos três primeiros grupos de desempenho mais pobre, em termos de renda de curto prazo, o interesse é, em geral, menor em capacitação dos produtores e trabalhadores rurais, em termos relativos. Os percentuais são consideravelmente mais baixos nesses três grupos, em relação aos quarto e quinto grupos. Isto enseja a conclusão que, em termos de geração acelerada de receita de curto prazo e geração de resultados, os três primeiros grupos parecem revelar não ter tanto interesse pela capacitação e treinamento em práticas agrícolas essenciais.

Ainda em termos de necessidade de treinamento e capacitação de produtores e da força de trabalho

dos estabelecimentos, quando consideramos a capacidade das explorações agrícolas gerarem renda de curto prazo, verificamos que o grupo que está em pior situação é o primeiro grupo, o qual gera um déficit de 40 salários mínimos por ano, no curto prazo. Coincidentemente, estes estabelecimentos informaram os mais baixos índices de necessidade de treinamento, de acordo com a declaração dos responsáveis

O que não deixa de ser um relativo paradoxo, que deve ser investigado em maior profundidade. Por outras palavras, uma parcela dos estabelecimentos amostrados - pertencentes ao primeiro grupo - informa uma proporção baixa dos estabelecimentos com necessidade de capacitação dos produtores e da mão-de-obra contratada. E isso, no momento em que estão gerando renda líquida até mesmo no curto prazo negativa. Este ponto deve ser investigado com outras formas de cruzamento dos dados, pois é de muita relevância.

A dúvida é: do ponto de vista do SENAR, como capacitar um grupo que no momento passa por grande dificuldade de geração de renda líquida no curto prazo, se seus próprios responsáveis revelam não ter interesse direto na capacitação e no treinamento?

Podemos ver ainda no Quadro 16, que o quarto e quinto grupos têm um percentual elevado de responsáveis que declararam que possuem necessidade de treinamento em todas as áreas de capacitação mencionadas. Por conseguinte, o grupo de estabelecimentos com mais altos níveis de renda líquida são os mais receptivos ao treinamento e dele mais necessitam, devendo merecer a atenção do SENAR.

Conclusões Finais

1) A agricultura brasileira está polarizada em três grandes grupos, no caso da Renda Líquida de Longo Prazo: a) o primeiro grupo, com pesados prejuízos e ameaça de sobrevivência a longo prazo; b) o último grupo de estabelecimentos com alto desempenho; c) e o segundo, o terceiro e o quarto grupos, que apresentam características idênticas;

2) Em termos de sobrevivência, a curto prazo, parcela considerável dos estabelecimentos do primeiro grupo está severamente ameaçada, enquanto os restantes quatro grupos têm condições de sobrevivência a curto prazo. Assim, no curto prazo, apenas um grupo não consegue gerar renda suficiente para competir com o salário mínimo e contribuir para a permanência da família no campo;

3) Comparando-se a geração de renda no longo e

no curto prazo, é possível entender um fenômeno importante acerca da migração ou a propensão a migrar na agricultura. No primeiro caso (renda líquida de longo prazo), quatro grupos (Quadro 1) possuem estabelecimentos com a renda líquida negativa; já no segundo caso (renda líquida de curto prazo), apenas os estabelecimentos do primeiro grupo (Quadro 3) têm problemas de sobrevivência. Isso explica a razão pelo qual, apesar da Renda Líquida de Longo Prazo ser fortemente negativa, 77 a 85% dos responsáveis desejarem permanecer no campo: 4 grupos têm a maior parte dos estabelecimentos com renda líquida no curto prazo positivas e sobreviver no curto prazo já é uma meta em si. Uma razão provável é que os produtores pretendem permanecer no campo “até que as coisas melhorem”.

4) No que concerne à necessidade de treinamento, conclui-se que há maior interesse por treinamento em administração rural - cerca de 30% dos estabelecimentos amostrados (média da amostra - Quadros 15 ou 16). Além desse interesse, há necessidades, entre 24 a 28% dos estabelecimentos amostrados, de treinamento da mão-de-obra rural e dos próprios responsáveis pelos estabelecimentos, em ordem de importância, em tecnologia de aplicação de defensivos, fertilização de solos e plantio direto. Para conclusões mais específicas, verificar a parte que trata das necessidades de treinamento e capacitação da força de trabalho e dos responsáveis nos estabelecimentos rurais

Os dados fornecem muitas informações. Estas merecem uma análise cuidadosa por parte das pessoas responsáveis pelo planejamento estratégico do SENAR.

Referências Bibliográficas

- Alves, Eliseu, Lopes, Mauro & Contini, Elísio. “O Empobrecimento da Agricultura Brasileira”. **Revista de Política Agrícola**, Ministério da Agricultura. Ano VIII. Número 3, págs. 5 a 19. Julho/Agosto/Setembro. 1999.
- Alves, Eliseu R. A. Tópicos de Administração Rural. Mimeo. Brasília. 2000.
- Alves, Eliseu R. A. O Problema e Sua Importância. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Abril. 1998.
- Alves, Eliseu R. A. Linhas Gerais da Metodologia. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Abril. 1998.
- Alves, Eliseu R. A. Apuração de Custo: Orientação Geral. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Maio. 1998.

-
- Alves, Eliseu R. A. Não Perder o Caminho na Análise dos Dados. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Maio. 1998.
- Alves, Eliseu R. A. Tecnologia e Emprego. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Janeiro. 1997.
- Alves, Eliseu R. A. Pontos a Considerar. Pesquisa da Fundação Getulio Vargas. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Julho. 1997.
- Alves, Eliseu R. A. Relatório da FINEP. Observações. Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. 22 de Julho. 1998.
- Alves, Eliseu R. A. e Mauro R. Lopes. Tecnologia e Emprego. (Revisão do Trabalho Original). Pesquisa do Perfil dos Agricultores. Mimeo. Brasília. Fevereiro. 1998.
- CNA/SENAR/FGV/EMBRAPA. Um Perfil do Agricultor Brasileiro. Coletânea de Estudos Gleba No. 9. Brasília. 1999
- Centro de Estudos Agrícolas. O Perfil da Agricultura Brasileira, suas Principais Tendências e Implicações para o Treinamento dos Pequenos Proprietários e Trabalhadores Rurais. Rio de Janeiro. 1999.
- Lopes, M.R; Silva e Souza, G. da; Rocha, D.P; Lopes, I.V; Honczar, G. Quem São e Como Decidem os Agricultores Líderes da Agropecuária Brasileira. **Revista de Política Agrícola**, n. 2, p. 21-30, abr./mai./jun. 2002.